

Em busca de um índice de inflação

Expurgo adotado no Canadá e Austrália não deve ser copiado pelo Brasil. Governo teme arruinar credibilidade do sistema de metas

Adriana Chiarini
Da equipe do **Correio**

O Banco Central considera que a crise atual é também de credibilidade e está preocupado em recuperar terreno nesse campo. Por isso, não pretende expurgar qualquer produto do índice que será usado como parâmetro na nova política de combate à inflação. Outros países que adotaram o sistema de metas, como Canadá e Austrália, excluíram vários produtos do cálculo da inflação oficial. No Brasil, essa prática poderia afetar a confiança da sociedade no novo sistema num momento delicado da economia, consideram os técnicos do BC.

O expurgo normalmente atinge produtos que tenham grande variação de preços em algumas épocas do ano e tarifas públicas. Na Austrália, o governo escolheu um índice de preços ao consumidor que não considerava a variação dos preços de frutas, verduras, petróleo e tarifas públicas. No Canadá, o índice deixou de fora os preços dos alimentos e tarifas de energia.

O objetivo do BC, que está trabalhando na nova política, é torná-la o mais transparente e abrangente possível. Mas isso esbarra num problema geográfico. Só o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calcula índices de preço realmente nacionais, com pesquisa em 11 áreas metropolitanas nas cinco regiões brasileiras. Mas teme-se que

o fato de o IBGE ser do governo possa gerar desconfiança.

Já os índices calculados pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômica da Universidade de São Paulo (Fipe), ou pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), têm pesquisas muito concentradas no eixo Rio-São Paulo. O cálculo da inflação da Fipe é mais dramático nesse ponto, porque a pesquisa se restringe ao município de São Paulo e não representa o país.

Já está decidido que a referência será um índice de preços ao consumidor. O critério descarta, imediatamente, alguns

dos medidores de inflação mais considerados, porém baseados em preços no atacado, como o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), da FGV.

O novo presidente do BC, Armínio Fraga, tem destacado que se dedicará de corpo e alma a combater a alta de preços, diante da qual a recessão e o desemprego são um mal menor. "A melhor maneira de ajudar o pobre é combater a inflação", diz.

Por isso, o Brasil vai adotar a política inédita de atingir metas de inflação determinadas em forma de bandas, com o limite menor e o maior. No momento, o BC passa por um desafio inicial que é justamente calcular as metas em torno das quais girarão praticamente todos os outros instrumentos como política de crédito, taxas de juros e depósitos compulsórios.

A previsão do governo e do Fundo Monetário Internacional (FMI), de

16,8% de inflação em 1999, não é ainda a meta, mas sem dúvida servirá de base para o cálculo a ser feito. As metas não ficaram prontas antes de três meses e, até lá, o governo já terá quase um semestre de inflação real para considerar.

IGP—M

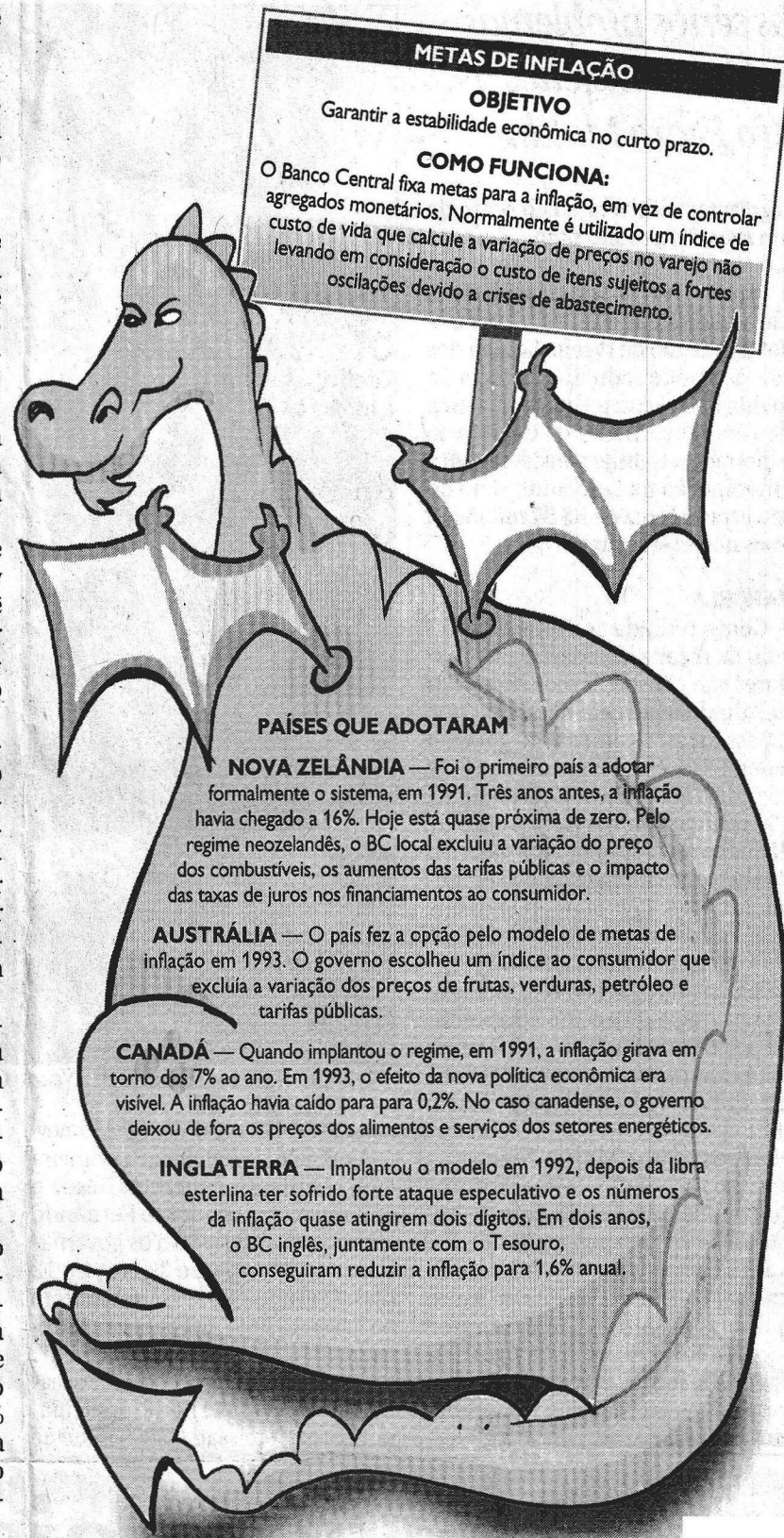
A inflação da última semana de fevereiro foi de 1,93%, segundo a Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ), que divulgou ontem a primeira prévia do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) de março, calculada entre os dias 21 e 28 de fevereiro. Na primeira prévia de fevereiro, com preços da última semana de janeiro, foi registrada uma inflação de apenas 0,74%.

O chefe do Centro de Estudos de Preços da FGV-RJ, Paulo Sidney Mello Cota, informou que o índice já capta a influência da alta do dólar nos preços dos produtos da indústria de transformação vendidos ao consumidor.

Ele afirmou que continua trabalhando com a estimativa de inflação de 10% no primeiro trimestre, avisando, no entanto, que são esperadas quedas de preço de alguns produtos primários cotados em dólar (*commodities*), com o recuo do valor da moeda norte-americana nos últimos dias. "O dólar caindo é um freio", afirmou o economista.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC), um dos três usados para o cálculo do IGP-M, ficou em 1,37%, enquanto que nos primeiros dez dias de fevereiro, havia ficado em apenas 0,29%. Na inflação apurada pela FGV-RJ, o IPC tem peso de 30%.

O Índice de Preços por Atacado (IPA), que tem peso de 60% no IGP-M, teve alta de 2,51%, ante uma elevação de 1,10% na primeira prévia de fevereiro. Por sua vez, o Índice Nacional de Custos da Construção Civil (INCC), que responde por 30% no cálculo da inflação medida pela FGV-RJ, aumentou 0,63%, muito acima da variação de 0,29% da última semana de janeiro.



METAS DE INFLAÇÃO

OBJETIVO

Garantir a estabilidade econômica no curto prazo.

COMO FUNCIONA:

O Banco Central fixa metas para a inflação, em vez de controlar agregados monetários. Normalmente é utilizado um índice de custo de vida que calcule a variação de preços no varejo não levando em consideração o custo de itens sujeitos a fortes oscilações devido a crises de abastecimento.

PAÍSES QUE ADOTARAM

NOVA ZELÂNDIA — Foi o primeiro país a adotar formalmente o sistema, em 1991. Três anos antes, a inflação havia chegado a 16%. Hoje está quase próxima de zero. Pelo regime neozelandês, o BC local excluiu a variação do preço dos combustíveis, os aumentos das tarifas públicas e o impacto das taxas de juros nos financiamentos ao consumidor.

AUSTRÁLIA — O país fez a opção pelo modelo de metas de inflação em 1993. O governo escolheu um índice ao consumidor que excluía a variação dos preços de frutas, verduras, petróleo e tarifas públicas.

CANADÁ — Quando implantou o regime, em 1991, a inflação girava em torno dos 7% ao ano. Em 1993, o efeito da nova política econômica era visível. A inflação havia caído para 0,2%. No caso canadense, o governo deixou de fora os preços dos alimentos e serviços dos setores energéticos.

INGLATERRA — Implantou o modelo em 1992, depois da libra esterlina ter sofrido forte ataque especulativo e os números da inflação quase atingirem dois dígitos. Em dois anos, o BC inglês, juntamente com o Tesouro, conseguiram reduzir a inflação para 1,6% anual.